

# Uma escola centenária com ousadia para mudar

Agradeço por compartilhar com vocês um pouco da experiência que eu vivi no Colégio Elvira Brandão, de São Paulo, uma escola particular, porte médio, 650 alunos, com toda aquela pressão “tranquila” que os pais fazem pelo resultado no ENEM, com reclamações pela alta mensalidade... Dentro dessa pressão de uma jovem escola de só 115 anos, chegamos à conclusão de que o que garantiu a essa escola os 100 anos de vida não garantiria os próximos 100, então era a hora de mudar.

Por que queríamos mudar? Eu queria uma

escola diferente. Queria que meu aluno chegasse e se espantasse, saísse com aquele olhinho arregalado de “nossa, eu tenho que voltar para esse lugar amanhã”. Não queríamos uma escola de respostas certas, onde você tenta reproduzir algo que alguém que sabe mais do que você falou que é importante. Também queríamos uma escola com estudantes, não com alunos. Por isso, buscamos acabar aos poucos com a aula. Esse era o nosso sonho, que os alunos fossem lá para estudar, e não para ter aula. E isso é bem diferente, muda inclusive a nossa organização curricular e estrutural porque, se você vai para estudar, o espaço tem que ser muito mais coletivo.

Como fizemos essa mudança? Vou falar sobre o que fizemos nas áreas de gestão, infraestrutura e pedagógica. Começando pela gestão, o eixo do trabalho foi ter uma gestão mais humanizada, mais “olho no olho”. Não me entendam errado, eu não sou contra os processos, contra os números; ao contrário, se vocês analisarem meu currículo, vão ver que eu sou físico, gosto das exatas, meu doutorado é em avaliação, reconheço a importância dos indicadores. Mas o gestor tem que inspirar, não dá para ser um chefe, alguém que vigia.

Em relação à infraestrutura, é muito importante que vocês entendam que o contexto inspira; por isso, o ambiente tem que ser inspirador. Se você não tem ambientes inspiradores, se o contexto não te leva para a criatividade, você espera isso dos seus alunos? Você espera isso dos seus professores? Eu não estou dizendo o extremo, não é que o diretor vai ter que usar brinco e umas meias malucas a partir de

agora, não precisa ser assim. Mas também não dá para as salas de aula terem paredes brancas. No Colégio, por exemplo, entregamos tinta na mão dos alunos do Ensino Fundamental II e do Médio e eles pintaram as suas salas.

A respeito da proposta pedagógica, investimos no “compartilhar” e no “personalizar”. Buscamos uma proposta pedagógica que fosse construída com os alunos, que as aulas fossem mais participativas, por isso acabamos com o laboratório de informática e fizemos no

local um espaço Maker, para eles colocarem a mão na massa. Por isso, vendemos as carteiras do Ensino Médio e compramos mesa de trabalho em grupo, para que eles pudessem compartilhar melhor. Vamos mudar o paradigma tal como Copérnico fez lá pelo século XV, pegando o sol e colocando no centro, mudando o paradigma. Vamos colocar

o aluno no centro e pensar uma escola para ele, onde possa construir o conhecimento com os outros em vez de receber. E que seja uma escola personalizada, e aí eu não estou falando de plataforma adaptativa, não estou falando para você trocar a sua escola por uma plataforma tecnológica, mas eu estou dizendo, sim, façam como a Netflix que acabou com o mercado de DVD e que está deixando loucas agora as operadoras de TV a cabo, porque ela entrega o filme que é bom para você. Entregue a escola que seu aluno quer ter, cada aluno quer de uma forma diferente. ●

**“Buscamos acabar aos poucos com a aula. Esse era o nosso sonho, que os alunos fossem lá para estudar, e não para ter aula”**

**Renato Júdice**

Doutor em Educação. Dirigiu projetos de inovação no Colégio Elvira Brandão, na área acadêmica do UNO Internacional e do Avalia Educacional (Grupo Santillana). CEO da Startup Kyklos.

